

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

E

EH REAL!. Publicação subintitulada *Panfleto Semanal de Crítica e Doutrinação Política*, dirigida por João Camoesas, da qual sai apenas o n.º 1, de 13 de Maio de 1915. Na apresentação, os promotores dizem-se «uma dúzia de portugueses de lei», defensores de um Portugal melhor e da segurança da República, mas que não foram buscar a inspiração do seu nacionalismo à obra do sr. Charles Maurras. É uma alusão clara ao Integralismo Lusitano, que visava reimplantar a Monarquia e seguia os princípios maurrasianos da Action Française. Está dada, assim, a orientação política do panfleto. O director é, de resto, um homem situado na ala esquerda, que viria a ser por duas vezes Ministro da Instrução (1923 e 1925), com programas ambiciosos e inovadores, sendo mesmo autor da obra *O Trabalho Humano*, onde, pela primeira vez, se divulga em Portugal, o taylorismo, enquanto teoria da fisiologia do esforço. Acabaria por morrer exilado nos Estados Unidos, em 1951. Camoesas elege como inimigos principais o general Pimenta de Castro, então na chefia do governo de ditadura, e Paiva Couceiro, chefe militar das hostes monárquicas. É este último o visado no seu artigo, «Nun'Álvares», onde, invocando a figura do Condestável, «personificação da honradez», o autor critica o «desaforo» de o seu nome ter sido utilizado um dia para «enfieitar» um traidor. O traidor Paiva Couceiro é também o alvo de outro artigo, «A arrogância espec-

taculosa de Paiva Couceiro define bem a traição miserável do governo», de Sérgio Silvio, sendo aqui apodado de criminoso e associado a Pimenta de Castro. O general, por sua vez, é ridicularizado na rubrica «Cartas Irónicas» de A. Bustorff, com um artigo sugestivo, dirigido ao «Ignorantíssimo General»: «Pimenta de Castro através a Gramática» ou «A Gramática de Pimenta de Castro». Na página ao lado, em jeito de paródia, é aberta uma subscrição para um projecto de monumento ao herói da «presidencial supremacia»... Na verdade, Pimenta de Castro governa (de Janeiro a Maio de 1915), indiferente aos partidos, indiferença que anima os antidemocráticos na sua luta contra Afonso Costa, mas que leva também à união dos militantes dos vários partidos contra o inimigo comum. Em 14 de Maio, exactamente um dia depois da saída do panfleto, a revolta da Marinha de Guerra, ou «golpe das espadas», comandada por Leote do Rego, poria fim ao efêmero pimentismo. Do panfleto consta também o artigo de Fernando Pessoa, «O Preconceito da Ordem». Mas a sua colaboração neste órgão anti-pimentista revela-se, num primeiro relance, algo inusitada, já que, num outro momento, escreve sobre e contra o 14 de Maio, «uma revolução estomacal», num texto em que sobressai a sua simpatia por Pimenta de Castro, definido como «o mais puro representante das classes médias que foi ao poder em Portugal» e que «reflectiu

perfeitamente a sua ânsia de paz, de tolerância e liberdade» (PI 346). Por outro lado, o seu ataque ao preconceito da ordem, que noutros momentos defende acerrimamente, torna-se ambíguo e deve preaver-nos contra uma leitura linear do texto político pessoano. Assim, por exemplo, num texto de título semelhante, «O Preconceito Revolucionário», o escritor considera que um movimento revolucionário «pode ser salvador» quando uma nação atinge o estado máximo de letargia e desorganização. Ai, as revoluções, sendo destrutivas e produtoras de anarquia, tornam mais «patente a necessidade da ordem» (OPP III 1025). A verdade é que, para Pessoa, há várias formas de ordem; aquela a que o seu artigo se refere é «não uma *cousa*: é um *estado*. Resulta do bom funcionamento do organismo, mas não é esse bom funcionamento». E, como diz, a exclusiva preocupação da ordem é «um morfinismo social». Villaverde Cabral, na introdução que faz à edição fac-similada de *Eh Real!* (Contexto, 1983), admite que o sentido do texto não reside na sua letra, mas na sua forma, pois não seria só com os integralistas que Pessoa «estava a manganar, era também com os seus colegas do *Eh Real!*», usando, para todos os efeitos, a sua capacidade de criador de ficções.

Manuela Parreira da Silva

«ELA CANTA, POBRE CEIFEIRA». Este poema trata o mesmo *topos* que um poema de Caieiro de 1919 «Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas» (AC 153), em que um momento de confronto de um «eu» com um outro, ao ar livre, serve para pôr face a face, alegoricamente, a consciência e a inconsciência de si, isto é, a hipótese ou a utopia da felicidade. Em Reis há o mesmo *topos*, com um sentido diferente, a «mondadeira dos prados quentes» (RR 32).

Num metro raro na lírica portuguesa em geral e na de Pessoa em particular, o octossílabo, este poema singulariza-se ainda por alguma importância emblemática que lhe é conferida pelo facto de ter tido duas publicações em vida do autor.

Uma diferença de tom é notável entre duas partes de três estrofes cada uma: a primeira delas está colocada numa distância que leva a usar uma terceira pessoa, «ela», e ainda a forma impessoal

na conjugação dos verbos «alegra» e «entristece». Na segunda delas dá-se a irrupção do sujeito, de um modo que se torna tanto mais sensível quanto fora precedido de um ambiente impessoal: o «eu» dirige-se directamente ao «tu», numa apóstrofe que dura quadra e meia, e, no verso 19, deixa de se dirigir a um «tu» para se abstractizar, numa larga invocação a um «vós» que é suposto, no último verso, incluir o «eu» e tornar-se um «nós» num imperativo hipotético de desejo: «Depois, levando-me, passai!»

A dimensão do diálogo com Caieiro é dada desde logo pela presunção de felicidade que parece ser atribuível à ceifeira, dado que ela deveria ser, à luz do eudemonismo do «guardador de rebanhos», perfeitamente contente na sua inconsciência. Há uma relação especular que se subentende aqui (e que não é tão clara e geométrica como acontece no referido poema de Alberto Caieiro de 1919) entre o «eu» e o «tu». Um e outro não têm alegria, de facto, no caso da ceifeira porque não tem consciência dela, e no caso dele precisamente porque tem. À ceifeira corresponde o *canto sem razão*, ao sujeito lírico a *razão sem alegria* — e o poeta, que os descreve e encena como numa écloga metafísica, produz um canto da razão infeliz.

Mas essa relação especular é modificada, ao mesmo tempo que é analisada na sua complexidade, pela formulação antitética das imagens: a) «Ela canta, pobre ceifeira»; b) a sua voz tem «alegre e anónima viuvez»; c) «Ouvi-la alegre e entristece»; d) e, se na sua voz há «o campo e a vida», coisas naturais e humanas, no entanto é «como se tivesse / Mais razões p'ra cantar que a vida». A consequência dessa deserição antitética da voz que canta é, nas últimas três estrofes, um oxímoro, «O que em mim sente está pensando», e um desejo: «poder ser tu, sendo eu», ou «Ter a tua alegre inconsciência, / E a consciência disso». E até o antigo aforismo hipocrático «*ars longa, vita brevis*» aparece em exclamação paradoxal: «A ciência / Pesa tanto e a vida é tão breve!».

A antítese que atravessa o tema — pensar / sentir — desenvolve-se de um modo que a vai amplificar. A primeira imagem do canto torna-se uma imagem visual em movimento, durante toda a segunda quadra. E a tendência sinestésica é mesmo aquela que leva a melhor no decorrer do poema. A imagem da «incerta voz» (aquilo a que